

a espia inesperada

tracy walder e jessica anya blau

Tradução de Jorge Candeias

Para a minha filha, que já é a minha heroína.

Aviso: todas as afirmações de facto, opiniões ou análises aqui expressas são as da autora e não refletem as posições ou pontos de vista oficiais da Central Intelligence Agency (CIA) ou de qualquer outra agência do Governo dos Estados Unidos. Nada no conteúdo deste livro deve ser visto como afirmação ou sugestão de autenticação de informação pelo Governo dos Estados Unidos ou aval por parte da CIA dos pontos de vista da autora. Este material foi revisto pela CIA a fim de evitar a revelação de informação classificada. Isso não constitui uma divulgação oficial de informação da CIA.

ÍNDICE

Nota da Autora	13
1. Zona de Guerra	15
2. A Vida na República Feminina	27
3. O Ponto de Viragem	47
4. A Cave	59
5. Escola de Venenos	73
6. Mr. Toad's Wild Ride	87
7. Um Só Mundo	99
8. Choque e Estrondo	111
9. Verdade e Consequências	125
10. Barbie de Malibu	143
11. Bang, Bang, Bum!	159
12. Os Trojans São os Maiores!	169
13. Alerta de Conteúdo Possivelmente Chocante	179
14. A Rapariga	205
Epílogo: A Revolução É Agora	219
Agradecimentos	227

NOTA DA AUTORA

A Espia Inesperada é o meu relato dos anos que passei como *staff operations officer* no contraterrorismo da CIA e como agente especial do FBI. Porque este livro se baseia na memória, é falível. Apesar disso, ao consultar diários, a Internet e outros livros sobre as operações em que estive envolvida, fiz todos os esforços para ser precisa e verdadeira no que relato.

Embora os agentes do FBI com quem trabalhei não estivessem na clandestinidade, alterei todos os seus nomes para tentar proteger a sua privacidade.

A CIA, contudo, só é bem-sucedida através de operações clandestinas. Tenho absoluta intenção de defender a integridade da agência e manter a segurança de todas as pessoas que lá trabalharam, que continuam a trabalhar, e de todos que trabalharam com a CIA durante o tempo que lá passei. Nesse espírito, alterei os nomes das pessoas que encontrei, bem como detalhes das suas vidas, para não poderem ser identificadas. Tentei permanecer fiel à essência das suas personalidades, para que o leitor possa compreender como era trabalhar de perto com elas. Também removi os nomes da maior parte dos países e cidades que visitei enquanto estive na CIA. Em alguns dos capítulos deste livro, a natureza do meu trabalho na CIA é deliberadamente vaga. A minha intenção foi transmitir, o melhor que me fosse possível, o trabalho que fiz sem revelar qualquer informação classificada. A minha lealdade é para com a CIA, o povo dos Estados Unidos e a segurança do povo dos Estados Unidos. Cada frase deste livro foi escrita tendo isso em mente.

O livro *A Espia Inesperada* foi apresentado à Comissão de Revisão de Publicações da CIA. A comissão aprovou a sua publicação desde que fossem

censuradas certas passagens ou frases, que viram como ameaças à segurança nacional. Deixei essas passagens censuradas no lugar (aparecem como linhas negras na página) e tentei conservar a continuidade da narrativa à sua volta.

Em suma, foi muito o que omiti na minha história, mas mesmo assim há tanto a contar! Dos ataques do 11 de Setembro à invasão do Iraque, houve uma sensação acrescida de urgência no trabalho que eu fazia. É meu desejo transmitir essa urgência, transmitir essa história, sem nunca revelar algo que pudesse pôr em risco a nossa nação e os homens e mulheres que trabalham por nós.

— Tracy Walder

UM

ZONA DE GUERRA

Depois do 11 de Setembro

Era uma coisinha de nada, mas eu precisava dela para me sentir igual a mim própria, para me sentir humana. Queria acreditar que o mundo não mudara por completo.

— Mãe — disse eu para o telefone —, podes marcar-me um retoque de raízes no Cabeleireiro Renee George em Reston, na Virgínia?

— O quê? — disse a minha mãe. — De onde estás a telefonar?

Eu estava do outro lado do mundo, no meio do entulho de uma explosão, sob um calor de quarenta e dois graus, armada, e com uma paxemina cor de carvão enrolada em volta dos ombros. A minha mãe não fazia a mínima ideia de onde eu estava. Ninguém fazia, salvo aqueles que estavam comigo e as cinco pessoas com quem eu trabalhava em Langley. Mas eu vira um telefone de satélite — grande como um tijolo — na sala onde deixara o colete à prova de bala. Agarrara no telefone e corra para fora, para fazer a chamada. O telefone estava colado ao meu ouvido. Corria-me suor pela cara. Tinha as costas voltadas para um dos guardas armados que, a meio metro de distância, fumava um cigarro sem filtro. Para lá dos limites fortemente guardados do local onde me encontrava, pessoas eram desfeitas por dispositivos explosivos improvisados (IED¹), museus eram saqueados e homens acoitavam-se aos grupos, tentando imaginar a melhor forma de matar o maior número possível de pessoas de uma cruel assentada.

A minha vida parecia virada de pernas para o ar e eu só precisava de uma

¹ Iniciais de *improvised explosive device*. (N. do T.)

coisinha para voltar a endireitar-me, uma coisinha para criar uma sensação de normalidade. Mesmo se essa normalidade só chegasse às pontas do meu cabelo.

O Johnny [REDACTED] veio à minha procura. O som das suas botas a esmagar gravilha era o som mais forte que havia em volta. Virei-me e fiz-lhe o sinal de um minuto.

— Mãe, tenho de ir... tenta fazer a marcação para o mês que vem, sim? Vou lá estar nos dias doze, treze e catorze e depois volto para cá. Adoro-te!

Esta última palavra parecia sempre mais emotiva, mais comovente, quando a dizia numa zona de guerra.

Essa manhã tinha sido como qualquer outra. Eu fora à cozinha do edifício abandonado que usávamos para escritórios, refeitório e bar improvisado, ao qual chamáramos [REDACTED], e comera batatas fritas. Além de café, água engarrafada e as *PowerBars* de massa de biscoito que trouxera dos Estados Unidos, esse era o meu único sustento. A maior parte das pessoas que estavam naquele complexo sofria de disenteria. Até agora, a minha dieta de batatas fritas e barras nutritivas mantivera-me em segurança.

Depois do pequeno-almoço tirara uma laranja perfeita do cesto da fruta e depois percorrera o corredor até ao cofre, de onde retirara a minha *Glock* e o coldre, e pusera o colete à prova de bala. Depois trotara pelos velhos e gastos degraus de mármore abaixo e saíra do edifício decrépito, cruzando a poeira até à pequena caravana que era o meu lar.

A minha caravana, com o número quatro, era uma simples caixa branca por dentro e por fora. O único objeto pessoal que eu tinha era a minha lâmpada para leitura cor-de-rosa. Em muitas das noites, eu chegava tão cansada que nem sequer chegava a ligá-la. Mas quando não estava cansada, ler era a melhor forma de esvaziar a mente e escapar à intensidade do dia.

A caravana à minha esquerda pertencia a um médico, que visitava regularmente [REDACTED] e estava de prevenção para acudir a qualquer empregado do governo.

A caravana à minha direita pertencia a um tipo que trabalhava nos recursos humanos. Depois dele morava a psicóloga residente, uma das poucas mulheres que havia naquele local. Como acontecia com o médico, ela tinha a cargo não só os empregados mas também [REDACTED]. Devia ser um trabalho difícil, uma vez que os traumas de toda a gente estavam interligados. Claro que seria pior ser [REDACTED] do que a pessoa que é [REDACTED]. Mas ninguém deve pensar que a experiência [REDACTED] é emocionalmente fácil. Não trazia consigo sentimentos de alegria.

A zona de gravilha e terra batida em volta das nossas quatro caravanas

não tinha adornos. Mas em volta de muitas das outras, especialmente as que eram habitadas por Navy SEALs, havia flamingos cor-de-rosa, piscinas insufláveis e cadeiras reclináveis. Uma tentativa irônica de replicar a vida nos parques de caravanas americanos.

Os lençóis brancos atribuídos pelo governo que havia em todas as camas eram trocados semanalmente por homens da terra cujos antecedentes tinham sido minuciosamente verificados. Os guardas que protegiam o portão de entrada e as pessoas que trabalhavam na cozinha também eram homens da terra. Como eu nunca podia abandonar aquelas instalações sem me esconder de alguma forma, o meu único contacto com as pessoas do país em que agora habitava era feito através desses trabalhadores. Tinha de lhes confiar a minha vida e suponho que eles também nos confiavam as suas. No entanto, havia um ambiente de reserva bem-educada, pelo que nunca senti que tivesse conhecido qualquer deles.

Na minha caravana, remexi as três paxeminas que tinha trazido e peguei na mais escura. O rosa sempre fora a minha cor preferida. Na faculdade, e até na CIA, em Langley, era frequente usar rosa. Ali, usar rosa parecia tão frívolo como usar uma estola de penas. O meu uniforme básico eram calças de carga, camisolas *Gap* de manga comprida e botas de combate. Ainda punha rímel todos os dias. E sempre que estava nos Estados Unidos fazia questão de fazer madeixas no cabelo ou de retocar as raízes. Por mais que me afastasse para o mundo cá fora, precisava de me agarrar à rapariga de república estudantil que havia em mim — precisava de acreditar que ela, eu, podia sobreviver a tudo aquilo.

Enrolara a paxemina em volta dos ombros, por cima do colete, e depois saíra. Não havia tempo para fazer exercício na caravana-ginásio, mas enfiei a cabeça lá dentro para dizer olá a qualquer pessoa que lá estivesse. Estava cheio de Navy SEALs, como era hábito. Quando treinava com eles, discutíamos sobre o que ver na TV. Eles normalmente queriam a Fox News, enquanto eu preferia a BBC ou a Al Jazeera. Embora fosse frequente não concordarmos politicamente, tinha uma fé absoluta de que aqueles tipos me manteriam em segurança e me salvariam a vida se necessário. E também eram boa companhia — sempre dispostos a correr pelos corredores e a atirar coisas para os cães farejadores de bombas irem buscar. O nosso trabalho era exigente e intenso. O que nos rodeava era tão despido como a superfície da Lua. A sanidade exigia um pouco de alegria estouvada, um pouco de faz de conta, e a extravagância daqueles ridículos flamingos cor-de-rosa espetados no chão pouco sólido como grandes ramalhetes de plástico.

— Ei! — chamou um SEAL chamado Kyle. — A bicicleta está à tua espera. — Kyle apontava para a bicicleta vazia a seu lado.

— Tenho um ██████████ — disse eu. — Vemo-nos à noite.

— Cerveja! ██████████ Às sete! — disse o Kyle.

Eis o que é interessante nesses tipos machões e durões dos Navy SEALs, algo em que a maior parte das pessoas tem dificuldade em acreditar: nem um só alguma vez agiu de uma forma que fosse sexista, sexualmente sugestiva ou depreciativa. Talvez por vivermos juntos, e por testemunharem pessoalmente o que eu e as duas ou três outras mulheres que andavam por lá estávamos a fazer, soubessem melhor do que ninguém que, apesar de termos tarefas e competências diferentes, éramos inegavelmente iguais. E quando a vossa vida depende da inteligência e eficiência das pessoas que vos rodeiam, o respeito toma todo um novo significado.

O Johnny ██████████ ia comigo a todas as minhas «reuniões». Era alto, corpulento e tinha um aspeto algo mole. O oposto dos Navy SEALs. Não sei de onde era — nunca falámos sobre isso —, mas tinha a boa educação calma e gentil de um homem do Midwest². Quando sorria, o sorriso ficava meio escondido por trás da sua barba de um louro escandinavo. E quando não andava a fazer ██████████, usava óculos — umas armações grossas e pretas com lentes de fundo de garrafa que o faziam parecer-se com o *nerd* de um filme da Lifetime³. A sua voz, como o resto dele, era banal, não intimidante. Isto deve ser sublinhado não porque o Johnny fosse muito diferente de todos os outros na CIA, mas porque parte do trabalho do Johnny era ██████████

██████████. O Johnny, com a sua barriga fofa, óculos de *nerd* e sorriso tímido, seguia o protocolo. E quando o fazia era como se fosse um homem completamente diferente.

— Pronta? — O Johnny estava encostado ao maltratado SUV cor de laranja que levaríamos para as outras instalações. Andava sempre de um lado para o outro com as abas laterais de velcro do colete à prova de bala abertas. Estava calor no exterior e até eu achava difícil fechar-me em mais calor e peso. Às vezes, o médico, a psicóloga ou outro ██████████ juntavam-se a nós. Naquele dia, a deslocação seria só para o Johnny e para mim.

— Pronta. O *Dino* ou o *Astro* já passaram por cá? — O *Dino* e o *Astro* eram os cães farejadores de bombas. Ninguém entrava num carro antes de os cães terem dado o OK.

² Região Centro-Oeste dos Estados Unidos. (N. do T.)

³ Canal de entretenimento por assinatura, nos EUA. (N. do T.)

O Johnny indicou com a cabeça o *Dino* e o tratador, Bill, que se aproximavam de nós. O Bill estava de óculos escuros, uma *T-shirt* e calções. O *Dino*, um labrador amarelo, só usava a coleira castanha da USC que o meu pai me dera para os cães. Não nos era permitido fazer festas ao *Dino* enquanto ele estava a trabalhar, pelo que esperei até ele ter dado a volta ao carro antes de me baixar e lhe beijar o focinho, enquanto o coçava por trás das orelhas ave-ludadas. Os cães, como andar na pândega com os Navy SEALs, criavam uma leveza necessária.

Como ali as mulheres não estavam autorizadas a conduzir, era sempre o Johnny a pegar no volante, com os seus óculos de sol graduados e um boné de basebol. E como as localizações dos locais onde trabalhávamos e vivíamos eram ambas secretas, eu tinha de me esconder na mala do carro sempre que saía de um desses dois locais. Uma loura americana, mesmo que tivesse óculos à aviator e uma paxemina sobre a cabeça, chamava demasiado a atenção e criava demasiados riscos de sermos seguidos.

— Vamos lá fazer isto — disse eu. Abri a porta traseira e entrei. Depois de estar deitada de lado, toda enrolada, com a paxemina à volta da cabeça e a arma a enterrar-se-me na anca, o Johnny fechou a porta de trás e subiu para o banco do condutor. A viagem era acidentada — na época só existia uma estrada pavimentada naquele país — e o carro rangia. Havia muito barulho com o ar condicionado no máximo, mas às vezes conversávamos um com o outro, aos gritos, na verdade. Normalmente, o Johnny punha um CD no leitor e ouvíamos música. AC/DC ou Guns N’Roses. Coisas ruidosas e caóticas que animavam o Johnny — transformando-o, de um *nerd* rechonchudo, numa força imponente. Era a mesma espécie de música a que os terroristas eram sujeitos em permanência. Guitarras elétricas. Vozes gritantes. Um barulho capaz de sacudir a mente.

Abstrai-me da música o melhor possível e revi mentalmente as minhas notas. Estava a recapitular os factos que sabia com certeza, as ideias que andava a reunir e o modo como poderia conseguir o bocado de informação mais importante que esperava obter do homem com quem me ia encontrar.

Afastei a borda da paxemina e espreitei o céu durante um bocadinho. Naquele dia estava de um azul lindo — tão reluzente e sólido como uma pedra preciosa polida. Pensei em como era estranho que, consoante o dia, um céu se pudesse assemelhar a qualquer outro céu no mundo, mesmo quando o que estava a acontecer no terreno cá em baixo era tão drasticamente diferente. Aquelas viagens na mala do carro não eram para mim as primeiras. Houvera o meu vigésimo primeiro aniversário, quando eu ainda estava na faculdade, na Universidade da Califórnia do Sul (USC), e a viver

na república Delta Gama. Algumas das repúblicas⁴ tinham-me levado a sair cedo para uma noite de *sushi* e saquê. Fui eu quem nos conduzi até lá, e quando as doses de saquê ultrapassaram as de *sushi*, entreguei as chaves a uma amiga chamada Melissa.

— Tenho de me deitar — entaramelei enquanto cambaleava pelo parque de estacionamento.

A Melissa destrancou o meu *Acura* e eu abri a mala do carro. Um par de amigas tentou levar-me para o banco de trás, mas eu libertei-me delas, repetindo que tinha necessidade de me deitar. Depois subi para a mala do *Acura*. A Melissa desejou-me feliz aniversário antes de fechar a mala.

Passei toda essa viagem a olhar pela janela inclinada e a observar o céu. Era 21 de outubro, o Sol tinha acabado de se pôr e havia um fantasmagórico crepúsculo laranja e negro. As silhuetas bem definidas das copas das árvores e dos postes das linhas telefónicas passavam rapidamente como num filme antiquado. Tirei o telefone do bolso e liguei para casa dos meus pais. Foi o meu pai quem atendeu no telefone fixo.

— Pai, é tão lindo — disse eu.

— O que é que é tão lindo? Estiveste a beber? — Ele riu-se. Eu já tinha idade para beber legalmente e ele sabia que eu planeava beber nesse dia.

— O céu. É o céu mais lindo que já vi.

— Onde estás?

— Na mala do carro. — Divaguei durante um par de minutos, esquecendo-me de que estava ao telefone. Quando voltei a mim, apercebi-me de que o meu pai parecia preocupado.

— Na mala do *meu* carro — disse. — A Melissa está ao volante e eu tive de me deitar e depois olhei para cima e ali estava ele. Temos o céu mais lindo do mundo.

— É o mesmo céu no mundo inteiro — disse o meu pai. — Tal como é o mesmo mundo por baixo dos nossos pés.

— Humm. — Posso ter desligado sem me despedir.

...

⁴ As repúblicas estudantis tal como existem em Portugal, habitadas por repúblicos e repúblicas, são algo diferentes das equivalentes norte-americanas, as quais tendem a estar associadas ao privilégio e são segregadas por género: as *fraternities*, masculinas, e as *sororities*, femininas. Apesar das diferenças, porém, existem também muitas semelhanças, tanto na organização quanto na vivência. Esta última recebe nos EUA a designação frequente de «vida grega», pois lá as repúblicas identificam-se por iniciais gregas. (N. do T.)

Agora ali estava eu no Médio Oriente, completamente sóbria. Aquele céu universal ainda era lindo, mas o mundo por baixo do carro não podia parecer mais diferente de Los Angeles ou da Virgínia como parecia naquela altura.

O Johnny desligou a música enquanto abrandávamos para parar ao portão. O vidro da sua janela desceu e ele falou com os guardas armados. Eu não consegui ouvir bem o que estavam a dizer, mas as palavras tinham a cadência da tagarelice amigável. Depois de passarmos pelo portão, sentei-me e voltei a baixar a paxemina para os ombros. O Johnny estacionou o carro, saiu e abriu a porta de trás. Estendeu-me a mão e ajudou-me a sair.

Além de alguns guardas armados nos seus postos, aquele local era tão desolado que parecia ter sido recentemente abandonado. O ambiente era lúgubre, pós-apocalíptico, com cimento arruinado, pilhas de entulho e sem uma só planta viva ao alcance do olhar. O calor de quarenta e tal graus que caía sobre ■■■■ era o mesmo que havia ali, mas aquele parecia muito mais quente, como se tudo tivesse sido queimado até ficar num silêncio atordado. Olhasse-se para onde se olhasse, tudo o que se via era branco, castanho ou bege — diferentes tons de lixa. E todas as superfícies eram tão secas como giz. O som dos nossos passos era como conchas a serem esmagadas sob os pés ao caminharmos até à caserna improvisada — um antigo edifício industrial — onde me ia encontrar com o terrorista que devia interrogar.

Eu e o Johnny cumprimentámos os guardas e depois dirigimo-nos para uma sala do tamanho de um armário, dentro do edifício, onde deixámos cair os coletes à prova de bala no sujo chão de cimento. Foi então que vi o telefone de satélite numa prateleira. Peguei nele e corri para fora enquanto gritava ao Johnny:

— Tenho de telefonar à minha mãe!

Depois de desligar o telefone, a minha concentração focou-se num túnel de aço de pensamento que me ligava diretamente a Q, o homem que tinha as respostas para muitas das minhas perguntas. Outros já tinham falado com ele, mas nenhum ainda obtivera o fragmento-chave de informação que procurávamos. Eu tinha vinte e quatro anos e agora não sou capaz de vos dizer por que motivo achava que era capaz de fazer algo tão complicado como ganhar a confiança de um terrorista, ao ponto de ele se abrir e me dar aquilo que outros tinham falhado em obter. Talvez fosse ingénua. Talvez estivesse simplesmente determinada. Ou talvez fosse movida por uma culpa omnipresente.

Eu estava no quartel-general da CIA, em Langley, Virgínia, no 11 de Setembro de 2001. Na condição de operacional de contraterrorismo, fazia

parte da equipa de pessoas que deviam salvar a América de homens como Osama bin Laden, Khalid Sheikh Mohammed e Mohammed Atef. Eu conhecia os seus nomes numa época em que a maioria das outras pessoas não os conhecia. De facto, sendo desde o liceu viciada em notícias, há anos que pensava sobre Osama bin Laden, em particular. Por isso esperara mais de mim. Enquanto a América estava concentrada na dissolvida União Soviética e nas guerras da droga na América Central, eu estudava imagens de desertos no Médio Oriente. Observava e assinalava os locais onde o terrorismo estava a ser semeado e cultivado, com novos ramos a brotar continuamente como uma árvore bem podada. Memorizara a paisagem rochosa e seca. Memorizara as caras de homens que estavam escondidos em grutas reforçadas e sinuosas ou em casas seguras espartanamente mobiladas. Sabia quem eram. E julgara saber o que andavam a fazer.

Devia ter percebido o que aí vinha.

Mas não percebi.

Depois houve a invasão do Iraque. Era uma guerra que dependia das provas de que Saddam Hussein estava a acumular armas de destruição maciça. Pertenci à equipa de pessoas destacadas para encontrar essas provas. Não as encontrei. Nenhum de nós encontrou. Mas a guerra começou na mesma. Depois disso, tudo o que era mau transformou-se em tudo o que era impenável e horrível. Eu sabia que não podia deter a queda no precipício, mas pelo menos podia deter os terroristas e as conspirações terroristas que saltaram dessa guerra como baratas de um edifício arrasado.

Era nova, destemida e otimista. A minha carreira na CIA começara ainda na Universidade do Sul da Califórnia quando eu tinha vinte e um anos. Mais especificamente, fui recrutada na república Delta Gama, onde o meu longo cabelo louro combinava com o de noventa por cento das irmãs na minha república.

No primeiro ano, ser agente da CIA era excitante. A entusiasta de ciência política que havia em mim vicejava durante o dia, enquanto a miúda da república que vivia em mim ainda tinha noites divertidas com as amigas ou namoros. Mas quando vi o Sol nascer a 12 de setembro tudo mudara. Senti a dor de uma nação e a responsabilidade de tornar as coisas melhores. E quando a América invadiu o Iraque, essa responsabilidade só cresceu.

Por vezes, sentia-me a viver numa bola de hámster. Corria e corria, rolando por países onde tudo o que conseguia ver através do meu escudo de plástico era os terroristas que tinha de deter. Dia após dia, a maior parte do mundo real, a minha vida nos Estados Unidos, estava a afastar-se de mim enquanto eu rolava para distâncias cada vez maiores.

Q seria o primeiro terrorista com quem eu estaria face a face. Enquanto eu e o Johnny nos dirigíamos até onde ele estava a viver, nem sequer me ocorreu ficar nervosa ou assustada. Tinha tanta informação na cabeça, e tinha o Johnny a meu lado. Além disso, de acordo com as notas que eu lera, Q — que quando chegara àquele local não estava disposto sequer a divulgar o seu nome — estava agora afável e falador. Certamente não fora fácil para ele passar de truculento a cooperativo.

Deixem-me dizer isto já: rejeito em absoluto a tortura como meio para obter informação. Além disso, depois das experiências que tive, não acredito que a tortura funcione. Contudo, não concordo com aqueles que vilificaram a CIA e o seu uso da tortura durante esta época em que a América estava a responder ao maior e mais mortífero ataque terrorista no nosso solo enquanto uma «segunda vaga» de terror estava a ser preparada. Imagine a pressão de se ser responsável pelas vidas de mais de trezentos milhões de pessoas. Imagine o que poderia fazer se tivesse nas mãos membros destacados da Al-Qaeda. No contexto daquele momento histórico, e com a informação adicional de que Bin Laden se tinha certamente encontrado com cientistas nucleares paquistaneses e estava a adquirir planos para o desenvolvimento de armas nucleares, levar os detidos com uma posição hierárquica elevada a falar era uma tarefa de vida ou de morte. Lembre-se que as pessoas que foram detidas em zonas de guerra eram homens que não só estavam dispostos a morrer como queriam morrer para serem coroados mártires da sua causa. As técnicas melhoradas de interrogatório (TMI, ou tortura) eram aquilo que a CIA julgava, com total conhecimento e aprovação do Congresso e da administração Bush, ser a forma mais eficaz de obter informação de conhecidos terroristas. E não era um primeiro recurso; era um último recurso. Dos cem homens detidos em zonas de guerra ao longo de oito anos, só trinta foram sujeitos a TMI. O objetivo não era magoá-los. O objetivo era salvar vidas. E não só vidas americanas. Vidas humanas. Eu, e basicamente todas as outras pessoas que conhecia na CIA, queria que todo o mundo estivesse em segurança. Sem exceções.

Entrei no escuro quarto de Q, que ficava junto da entrada. Como fora treinada a fazer desde a infância, sorri. Sempre foi assim que cumprimentei as pessoas, e não me ocorreu negar esse sorriso a um terrorista.

— Posso oferecer-lhe um chá? — perguntou Q. Tal como o meu sorriso, a sua pergunta era uma formalidade inculcada nele. Criminoso ou não, estava a fazer o que era educado ao oferecer-me chá, apesar de não ter qualquer forma de arranjar ou servir chá. Embora parecesse já ter vivido décadas, depois de

tudo o que fizera, Q não era muito mais velho do que eu. Esse talvez fosse o nosso primeiro ponto de ligação: cada um de nós ainda trazia para dentro da sala a cultura da nossa infância.

Declinei educadamente o chá e depois ergui a laranja que lhe trouxera do refeitório.

— Vamos para a outra sala, onde é mais fácil conversar. — Parecia tão refinado e formal, como se estivéssemos no Four Seasons em Washington, e fôssemos passar a uma sala de reuniões com mobiliário monocromático e um candelabro moderno e quadrado. Na verdade, estávamos na antiga garagem de um edifício semidestruído e íamos passar àquilo que provavelmente fora uma grande arrecadação.

Eu e Q sentámo-nos em frente um do outro a uma pequena mesa de metal; havia luz por cima de nós, mas estava longe de ser um candelabro. Entreguei-lhe a laranja e ele acenou um agradecimento. Fiz a pergunta mais importante que viera fazer e ele levou a mão à barba recente e passou as mãos por ela como se estivesse a tocar um teclado. Podia ser complacente, podia ser bem-educado, mas ainda não estava pronto para me entregar o fragmento central de informação de que eu precisava.

Esse simples gesto fez-me lembrar que eu era tudo o que Q odiava; pertencia a todos os grupos que ele queria matar. Consegui sentir o eu da minha infância, a rapariga que frequentava ocasionalmente a sinagoga, a vibrar dentro de mim.

A minha família pertencia ao Templo Beth Am, onde era necessário tocar à campainha e depois passar por vários seguranças uniformizados e armados. O Orange County, na Califórnia, parecia tão seguro, tão soalheiro, que eu não conseguia imaginar quem quererá vir até ao templo para fazer qualquer coisa má ou perigosa à Tracy Schandler, aos pais dela, ao seu irmão, ao seu avô Jack ou à sua avó Geraldine. Eu sabia que existiam assaltos a bancos, ou roubos de carros, e agressividade rodoviária nas enoveladas vias rápidas de Los Angeles. Contudo, Beth Am parecia estar fora de tudo isso. Separado. Parecia ser tão calmo e seguro como a nossa casa. Porém, agora ali estava eu, não muitos anos mais tarde, e a razão para a existência do Tobias, o guarda de Beth Am que estendia o seu punho para tocar no meu sempre que eu passava por ele, estava sentada à minha frente a descascar uma gorda laranja que eu trouxera especialmente para ele.

Mesmo assim, continuei sem medo. Sim, eu era uma judia americana, mas era livre e naquele momento detinha mais poder do que Q. E embora fosse pequena quando comparada com a sua silhueta acinzentada, também tinha a força do Johnny atrás de mim.